

Crise gerada pela ganância

07 NOV 1997

HÉLIO DE MACEDO SOARES

Economia Brasil

A turbulência não acabou, mas, seguramente, o pior, por enquanto, já passou.

Três coisas ficaram claríssimas após os eventos da semana que findou:

1 - A globalização não é uma panaceia para os males do mundo, pode ser, isto sim, uma perigosa epidemia.

2 - Há que se criar, com urgência, um mecanismo supranacional para regular esse mercado.

3 - Não são confiáveis as previsões pontuais de economistas que povoam uma economia volátil.

Este tipo de crise não tem explicação racional, uma vez que é gerada pela simples ganância. "Os preços sobem, as pessoas ficam atraídas por isso, querem ganhar dinheiro. Então os preços sobem mais, justificando as

expectativas dos investidores. Esse processo acontece sem que haja relação entre os preços das ações e o estado da economia"...(O Globo, 02/11). John Kenneth Galbraith disse isso do alto dos seus 89 anos. Acima do bem e do mal, Galbraith acusa a "insanidade" de Wall Street de ser a mãe de todas as crises.

A semana negra de outubro fez com que até o megaspeculador

George Soros pedisse água. Ao passar de gerador à vítima do processo, ele agora clama por um instrumento regulador.

Até onde, entretanto, um órgão regulador supranacional interferiria na capacidade de cada país de tomar suas próprias decisões? Aí mora o problema.

A eliminação de fronteiras pode

gerar uma situação de total liberdade de ação, sonho de toda empresa transnacional. A mundialização financeira seria, assim, uma nova forma de ressurgimento da "moderna oligarquia" formada pelos fundos de pensão e fundos de investimento. Se por um lado, estes fundos de-

mocratizam o capital ao possibilitarem a participação do pequeno aplicador individual, por outro lado eles formam, hoje, a elite que determina onde, quando e quanto se deve retirar da riqueza criada pelos investimentos feitos, para buscar latitudes onde a remuneração seja um "delta X" maior, sem nenhuma consideração ou preocupação com as consequências que este movimento de vaivém

possa ter sobre as pessoas que habitam o porto que acabam de abandonar por alguns pontos percentuais a mais, nos lucros que abocanham...

O casamento entre capital e tecnologia gerou tudo isso. As telecomunicações romperam as barreiras naturais de proteção que a distância, prudentemente, mantinham.

O leitor atento terá percebido a contradição entre a necessidade urgente e aparente de um sistema regulador supranacional e minha natural ojeriza por sua consequência primeira - anulação do poder decisório dos países. Nenhum país, de "per si", poderá adotar defesas, sob pena de ser afastado do sistema e fenecer de inanição financeira.

Então, qual o caminho?

A formação dos megabloques de países pode ser um instrumento de autodefesa, desde que esses blocos consigam manter um certo equilíbrio de poder entre si. Aí surge a renovada importância da ampliação imediata do Mercosul. A adesão da Comunidade Andina de Nações, trazendo Venezuela, Colômbia, Peru, Equador e Bolívia, praticamente, fecha a Améri-

ca do Sul. África do Sul e, porque não o Caricom e o Mercado Comum Centro-Americano, fariam do Mercosul um grupo com um PIB e população respeitáveis. Seu poder de negociação seria muito maior do que aquele hoje em mãos do Mercosul original - Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, mais Chile. Um PIB de quase 2 tri-

lhões de dólares e uma população de cerca de 300 milhões de pessoas já formam um bom cacife para as negociações com a União Européia - 9 trilhões de dólares e 370 milhões de pessoas, ou com o Nafta - 8 trilhões de dólares e 380 milhões de pessoas.

Estrategicamente, o poder negocial seria acrescido das enormes potencialidades em recursos naturais do grupo. Petróleo, ferro,

manganês, cobre, zinco, gás natural, urânio, estanho, nióbio, ouro, prata, etc., são alguns dos minerais de que dispomos, além de outra commodity, moderna e futuramente, inestimável: água. Finita e não renovável, ela fará a diferença no próximo século. Somos a única região no mundo com vantagens comparativas inigualáveis para a produção de alimentos e, sem comida, não há "chip" que se agunte.

